

UC Berkeley

Lucero

Title

Gilberto Freyre: Um vitoriano dos trópicos

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/2918d6pt>

Journal

Lucero, 17(1)

ISSN

1098-2892

Author

da Mota Lima, Fernando

Publication Date

2006

Copyright Information

Copyright 2006 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed



**GILBERTO FREYRE: UM
VITORIANO DOS TRÓPICOS**

UM LIVRO RENOVADOR...

.....
POR FERNANDO DA MOTA LIMA

.....
Universidade Federal de Pernambuco

Maria Lúcia Pallares-Burke. *Gilberto Freyre: Um Vitoriano dos Trópicos*. São Paulo: Unesp, 2005, 484 págs.

RESENHA

Não seria exagero começar ressaltando, numa apreciação geral do livro de Maria Lúcia Pallares-Burke, *Gilberto Freyre: Um vitoriano dos trópicos*, seu caráter extraordinariamente renovador. A fortuna crítica de Gilberto Freyre avoluma-se em ritmo acelerado, embora de ordinário tendente à reiteração de juízos de louvor isentos de argumentação comprobatória. É decerto por isso que uma larga fração do que se publica esgota-se em escritos de circunstância cujo tom repetitivo é flagrante. Destoando da corrente geral, Maria Lúcia traz a público um estudo cuidadosamente elaborado. A documentação em que se apóia, objetivando esclarecer o processo de formação intelectual do autor, constitui modelo de biografia intelectual.

Fala-se insistentemente da anglofilia de Freyre. Também das influências que sofreu, sobretudo a de Franz Boas. Ele próprio, no exercício obsessivo de falar de si próprio, e infatigavelmente interpretar-se, chamou em demasia nossa atenção para o assunto. Em *Como e Porque Sou e Não Sou Sociólogo*, dissemina pistas e indicações de suas leituras gerais, notadamente inglesas. Mas tudo isso circulou durante muito tempo entre estudiosos como matéria dispersa e portanto pouco definidora das vinculações mais profundas entre suas leituras e a obra que produziu. Pouco se sabia, noutras palavras, até que ponto suas leituras atuaram efetivamente sobre a obra que meditou e escreveu depois de pesquisar e ruminar material de base.

O grande mérito do livro de Maria Lúcia consiste precisamente no fato de esclarecer de que modo determinados autores ingleses, e outros bem pouco antes devidamente considerados, forneceram a Freyre intuições, sugestões de estudos, perspectivas de interpretação que em geral demandam longa maturação intelectual. Antes de dar a público esta obra, Maria Lúcia já anunciara em ensaios preliminares as linhas gerais do trabalho enfim editado na forma deste amplo e luminoso volume. Tais ensaios – refiro-me exatamente a dois: um publicado na revista *Tempo Social* sob o título “Gilberto Freyre e a Inglaterra”; o outro, “Gilberto Freyre: Um Nordeste Vitoriano”, incluído no volume *Gilberto Freyre em Quatro Tempos* – já antecipavam com nitidez sua contribuição renovadora.

Importaria ainda ressaltar, nos limites de uma breve resenha, o sentido preciso do qualificativo vitoriano atribuído a Freyre, já que decerto causará estranheza a leitores que bem conhecem o autor e o espírito geral de sua obra e personalidade. Frisa a autora que o vitorianismo deste pernambucano celebrante da sensualidade e da miscigenação vincula-se à corrente de corte rebelde, manifestamente a contrapelo da corrente dominante que cristalizou na semântica do termo representações deformantes do vitorianismo, já que confinadas a limites demasiado parciais. Muitos dos que livremente ajuízam sobre a era vitoriana tendem a identificá-la com uma noção restritiva, quase caricatural. Fala-se então de vitoriano, e termos conexos, supondo-se tão-só repressão da experiência imaginativa e sensível, austeridade de costumes, hipocrisia social, valores e experiências sem dúvida inconciliáveis com a imagem que espontaneamente formamos de Freyre, enquanto entidade psíquica e cultural, e dos significados e representações que sua obra projeta no cenário intelectual. Ora, estudos recentes de notável relevância crítica – refiro-me precisamente a *A Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud*, de Peter Gay – desmentem esta imagem redutora, quase caricatural, que formamos acerca da era vitoriana. Em consonância com este espírito retificador de preconceitos arraigados contra a era vitoriana, Maria Lúcia comprova documentadamente a influência que vitorianos rebeldes exerceram sobre Freyre, como é evidente à p. 48 do livro: “os autores ingleses que Freyre mais apreciava eram vitorianos antivitorianos, ou românticos pós-românticos. Ruskin, Morris, Carlyle e mesmo Yeats, por exemplo, eram vitorianos que se opunham corajosamente a muito do que era consagrado em seu tempo, nisso se assemelhando a outros antivitorianos que criticavam sua própria época com uma agudeza que demorou a ser reconhecida pela posteridade”.

No amplo estudo que escreveu sobre a experiência burguesa na era vitoriana, Peter Gay declara, já na introdução, que a causa regente de sua investigação se traduz no propósito de ressaltar e corrigir as representações errôneas dominantes sobre a era vitoriana. Aliás, importa esclarecer que sua

periodização ultrapassa as delimitações convencionais. Partindo de uma ou duas décadas antes da ascensão de Victoria ao trono (1837), estende o estudo até a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Soma-se a esta distensão temporal uma correspondente espacial que o impele a incluir a França, a Itália, a Alemanha, o Império Austro-Húngaro, além dos Estados Unidos, dentro do conceito de era vitoriana que enquadra a obra. Sem pretender contestar integralmente as forças repressivas, o puritanismo e a hipocrisia que lastreiam as representações correntes, visa Peter Gay explicitamente revisar seu objeto acentuando as linhas de um quadro real crivado de conflitos e ambigüidades. Como todo grande historiador, tem ele consciência de que a atmosfera cultural de uma determinada época não se esgota em conceituações redutoras ou cadeias totalizantes de causas e efeitos. Arriscaria dizer que a caracterização geral de uma época é tecida antes com as linhas e tintas da ambigüidade, do entretom e da contradição isenta de síntese solucionadora do que das projeções totalizantes ou redutoras. Aludindo a uma expressão feliz que ele emprega na referida introdução, a Rainha Victoria não é vitoriana, assim como Viena não é uma cidade nem Freud é freudiano. Seguindo em clave similar o espírito renovador da obra de Peter Gay, embora inteiramente omitindo-o na ampla bibliografia relativa ao assunto, o estudo de Maria Lúcia Burke vem corrigir este erro de apreciação desenhando as linhas complexas de um processo cultural muito mais rico, questionador e inquietante.

Concentrando-se nos vitorianos rebeldes, demonstra com cuidadosa e bem fundamentada pesquisa e argumentação como eles forneceram ao sociólogo pernambucano em formação sugestões e intuições seminais espelhadas em muitas das teses e argumentos expostos particularmente em *Casa-Grande & Senzala*. Maria Lúcia demonstra, por exemplo, como um autor como Lafcadio Hearn trouxe contribuições seminais para que Freyre elaborasse a representação positiva da miscigenação que baliza sua interpretação da cultura e da sociedade brasileira. Outros acrescentaram a Freyre contribuições similares. É o caso de Rüdiger Bilden e do brasileiro Roquette-

Pinto. O primeiro, procedente do sul dos Estados Unidos, citado como amigo e colaborador de Freyre já no famoso prefácio agregado à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, constitui um dos pontos altos do livro de Maria Lúcia. Além das muitas referências que lhe faz ao longo da obra, ela reserva um capítulo integral à caracterização de sua importância para o apuro e amadurecimento das idéias e argumentos de Freyre espelhados nas páginas da obra que em 1933 revoluciona os estudos sobre o Brasil. A trajetória intelectual de Bilden, que resulta em deplorável fracasso, é comovente enquanto expressão de talento e promessas malogradas. Mais que isso, ela comprova a dívida intelectual imensa que Freyre contraiu no longo e fecundo exercício das reflexões e estudos compartilhados com seu amigo americano. De certo modo, ambos traduziam, nos modos individuais mais característicos elementos profundos enraizados nos mundos culturais em que se formaram: o Nordeste brasileiro de Freyre convergindo com o Sul dos Estados Unidos de Rüdiger Bilden.

Depois deste livro fundamental, muito do que antes se afirmava e repetia acerca de Freyre e sua obra à margem de documentação e análise pertinentes se acomodará nos quadros da medida merecida. Noutras palavras, nenhum estudioso sério que doravante se aventure a escrever história intelectual e sociologia genética sobre Gilberto Freyre poderá consistentemente passar ao largo desta notável contribuição crítica. Na sua obra amparada em pesquisa modelar, e escrita com clareza e competência invejáveis, a autora corrige e renova decisivamente a crítica gilbertiana e o próprio Gilberto Freyre. Astuto explicador de si próprio, esmerou-se ele no exercício reiterado e caprichoso de compor uma auto-imagem que esta obra submete a retoques e recomposição de ângulos necessários. As correções obedecem a um espírito de composição discreto, por vezes sutil, até mesmo complacentes em alguns pontos de detalhe preciso, mas estão objetivamente estampadas na obra. A formação intelectual de Gilberto Freyre recebe enfim sua mais completa tradução.

Fernando da Mota Lima é crítico literário e professor de sociologia da arte na Universidade Federal de Pernambuco.